

ATELIER 9 :

AMPHI 180

IMAGINAIRES URBAINS ET REPRÉSENTATIONS SOCIALES DES QUARTIERS PRÉCAIRES / IMAGINÁRIOS URBANOS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DOS BAIRROS PRECÁRIOS

Présidente de séance : Lara Ferreira

Discutante : Neiva Vieira da Cunha

Representações em diálogo das cidades e dos corpos: uma análise de produções audiovisuais periféricas de São Paulo e Paris

Eduardo Paschoal (Universit  de São Paulo)

Cenas de guerra. Ensaio sobre a representa o das a oes policiais e o avanço de tecnologias de controle e vigilância nas periferias de Paris e do Rio de Janeiro

Ana Luiza Vieira Gonçalves (UFABC), Marina Gil de Pádua (Universit  de São Paulo)

Agir nas brechas e na contradi o: a atua o do coletivos Grupo Contrafilé (SP) e Hypermati re (Saint-Étienne) na produ o de (outros) possíveis urbanos

Tatiana Franchischini Dos Reis (Universit  de São Paulo), Rafael Murolo Pollastrini, Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima, Paula Vicente Martins

Representações em diálogo das cidades e dos corpos: uma análise de produções audiovisuais periféricas de São Paulo e Paris
Eduardo Paschoal (Universit  de São Paulo)

Proposta de comunica o individual

Eixo 3 | Mobiliza es e dinâmicas coletivas por uma cidade mais justa

Autor: Eduardo Paschoal

Institui o: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP)

País: Brasil

Idiomas falados: português e francês

Inten o de participa o: videoconferência

Título da proposta:

Representa es em diálogo das cidades e dos corpos: uma análise de produ es audiovisuais periféricas de São Paulo e Paris

Resumo:

Esta pesquisa busca analisar as representa es das cidades e dos corpos, com base nos diálogos possíveis entre produ es realizadas por agentes periféricos em São Paulo e Paris. Para isso, propõe interpreta es cruzadas de três curtas-metragens produzidos por jovens realizadores(as) brasileiros(as), por meio de edital da SPCine específico para as periferias de São Paulo, e de três outras produ es de jovens diretores(as) franceses(as), egressos(as) da escola Kourtrajm , em Montfermeil. Nosso objetivo   compreender criticamente as representa es possíveis dos territórios e de seus sujeitos, a partir da concep o de direito   cidade, de sua liga o com o território e pertencimento, da possibilidade de partilha ou interdi o entre centro e periferia.

Ao longo dos anos, a composi o dos espaços urbanos não foi sendo elaborada de maneira desigual apenas em seus limites físicos, mas também simbólicos. Para a socióloga Françoise Verg s (2020), a arquitetura das cidades impõe uma convivência hostil para as mulheres, particularmente para aquelas racializadas, para as pessoas sem-teto, os refugiados e imigrantes, idosos, pessoas com deficiência e minorias políticas.

Nesse sentido, a paisagem urbana se entrelaça às paisagens dos corpos, construídos também no contato entre representa es e experiências, em uma perspectiva política da rela o com a cidade e seus imaginários. Para o filósofo Paul B. Preciado (2022), o coletivo das representa es dos corpos constitui uma *somateca*, paisagem somato-política que deve ser ampliada, especialmente em termos das minorias políticas historicamente sub-representadas, transformada da posi o de coletivos sem voz, não sujeitos, objetos de violências e extra o de força produtiva, para novas subjetividades imaginadas, um conjunto amplo de resistência, crítica e insubordina o, por meio da linguagem e da transforma o dos aparelhos de poder.

Ampliar as narrativas dos lugares e das vivências, na rela o entre a cidade e seus sujeitos por meio de suas representa es, parece ser uma maneira do que Milton Santos (2000) classifica como a "constru o de novas horizontalidades", ou seja, reconsiderar, a partir do território, os caminhos de opressão, para outros, de liberdades e constru es de diálogos mais dignos e igualitários.

  essencial elaborar, conjuntamente, a representa o do território físico e simbólico, na tentativa de ampliar as representa es possíveis das cidades e dos corpos que a habitam, que nela circulam, que dela podem ou não usufruir. Por isso, o audiovisual se coloca também nesse campo em disputa,

como uma possibilidade de ampliar essas paisagens, tanto das cidades quanto dos corpos, a partir de produções não hegemônicas, elaboradas por agentes produtores oriundos de espaços periféricos, não-institucionalizados.

No caso dos diálogos entre o audiovisual brasileiro e francês, há inúmeros pontos de proximidade e confluências. Em termos da temática das produções audiovisuais dos territórios periféricos na França, a pesquisadora Manon Grodner (2020, p. 65) cartografa as questões da integração à sociedade francesa hegemônica por parte dos habitantes vindos das minorias étnicas e dos bairros menos favorecidos, e a luta de classes como recorrente nos filmes.

Em específico, a autora (id.) destaca seis temas presentes nas produções de cinema de 1995 a 2015 relacionadas às periferias: a escola e as dificuldades de integração; a tensão extrema na relação entre polícia e jovens, e principalmente as violências de policiais racistas; o desemprego e a precariedade, sobretudo em uma dinâmica de discriminação na seleção de trabalho, o que acaba a movimentar uma economia baseada na violência e no tráfico de drogas; a imigração para a França; a violência entre gangues rivais, entre colegas ou entre classes sociais; a questão da religiosidade em uma sociedade laica e o embate entre a tradição familiar e o relacionamento social.

Essas temáticas ecoam nas abordadas pelo audiovisual brasileiro, em especial nos últimos anos. Em pesquisas anteriores (SOUSA, 2022), analisamos as mudanças significativas na produção de 2012 a 2018. Em nossa investigação, que buscava compreender o cinema produzido no país a partir das temáticas e da abordagem do político e do social nos filmes, encontramos quatro grandes temas recorrentes nos longas-metragens do período: a perspectiva do trabalho e o embate entre classes sociais; questões de raça e etnia, e a reivindicação por novas formas de projeção social; questões de gênero e sexualidade, em uma dinâmica familiar e privada, mas com consequências no espaço público; e o território como elemento que atravessava todas essas questões.

Em São Paulo, um conjunto de produções de curtas-metragens nos parece pertinente para guiar alguns desses questionamentos, o *Projeto Curta em Casa*. Organizado em abril de 2020, durante a pandemia da Covid-19, foi uma realização do Instituto Criar de TV, Cinema e Novas Mídias, organização não governamental que tem por intuito a capacitação técnica de jovens para o trabalho no audiovisual, em parceria com o Projeto Paradiso, incubadora de novos realizadores audiovisuais, e financiado integralmente pela SPCine.

A chamada consistiu em 200 bolsas, com investimento de R\$ 3 mil cada, para a produção de curtas-metragens de até 7 minutos, com a condição de que o(a) proponente fosse jovem realizador(a) oriundo(a) ou morador(a) das regiões periféricas da cidade de São Paulo, incluindo algumas regiões metropolitanas. Com 980 roteiros recebidos, os(as) 200 selecionados(as) passaram por capacitação e mentorias. Os projetos concluídos foram expostos no canal do Youtube do instituto e, por meio de votação popular, 10 vídeos foram escolhidos para participarem do Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, o Curta Kinoforum.

Ao mapear as 200 produções de maneira inicial, a partir da visualização dos vídeos durante a exposição das obras on-line, percebemos a recorrência de três grandes eixos temáticos: a dimensão do corpo (atravessada por questões de gênero e sexualidade); de raça (em especial por meio da ancestralidade e da memória); e das questões de classe (no caso específico da pandemia, muito tocadas pela ausência ou temor de perda do trabalho). Há ainda um quarto tema que emerge de maneira transversal e é recorrente nas narrativas e representações dos curtas-metragens: a presença do território e da cidade, em especial a partir das múltiplas e plurais regiões periféricas, na maior parte dos filmes.

No caso de Seine-Saint-Denis, destacamos uma possibilidade de análise das temáticas e recorrências de representação em filmes produzidos nas periferias de Paris por meio das produções da escola de cinema Kourtrajmé, fundada em 2018 em Montfermeil, nas imediações de Clichy-sous-Bois, por um coletivo de artistas criado em 1994, e presidida pelo realizador Ladj Ly. O objetivo da instituição é promover cursos gratuitos de formação em audiovisual com o objetivo de inserção profissional para jovens periféricos, sem a necessidade de diploma prévio ou de formação específica. Em um exame ainda inicial sobre a produção dos estudantes da escola francesa, em seus curtas-metragens fruto dos trabalhos de conclusão de curso, observamos uma recorrência das temáticas de corpo e território, da mesma maneira como vemos na maioria das realizações do projeto Curta em Casa.

A partir dessas reflexões, e partindo dos objetos audiovisuais produzidos nas periferias dos dois países, nossa intenção é a de observar, por meio das experiências sensíveis cotidianas, ligadas ao território e elaboradas a partir do audiovisual, a construção e a expansão de uma ideia das cidades e da relação delas com os sujeitos: o que emerge e quais são as representações recorrentes nas produções não hegemônicas?; Quais as perspectivas políticas e estéticas possíveis de uma imageria audiovisual sobre a paisagem das cidades e dos corpos?

As realizações audiovisuais de produtores culturais não hegemônicos, tanto das periferias de São Paulo quanto das de Paris, nos levam a considerar o que há de disputa nessas representações e nas imagens propostas, além de que maneira elas se voltam à ampliação de um imaginário sobre os espaços urbanos.

Bibliografia

GRODNER, Manon. **Le « cinéma de banlieue »** : représentation des quartiers populaires ? , enjeux d'un cinéma entre réalité et fantasme. Paris : L'Harmattan, 2020. PRECIADO, Paul B. **Dysphoria Mundi**. Paris : Grasset, 2022.

SANTOS, Milton. **La nature de l'espace**. Paris : L'Harmattan, 2000.

SOUSA, Eduardo Paschoal de. **O cinema brasileiro como ferramenta do político**: ancoragens, engates e redes de ruídos em obras de 2012 a 2018. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

VERGÈS, Françoise. **Une théorie féministe de la violence**. Paris : La fabrique éditions, 2020.

Cenas de guerra. Ensaio sobre a representação das ações policiais e o avanço de tecnologias de controle e vigilância nas periferias de Paris e do Rio de Janeiro

Ana Luiza Vieira Gonçalves (UFABC), Marina Gil de Pádua (Université de São Paulo)

Ana Luiza Vieira Gonçalves¹

Marina Gil de Pádua²

O ensaio propõe uma reflexão crítica sobre as aproximações na representação de ações policiais nas periferias de Paris e do Rio de Janeiro a partir de duas importantes peças cinematográficas recentes: no Brasil, o blockbuster *Tropa de Elite* (José Padilha, 2007) e na França o indicado ao Oscar e vencedor do prêmio do júri em Cannes, *Les Misérables* (Ladj Ly, 2019). Ambos os filmes, ficções inspiradas em fatos reais, têm como núcleo principal um grupo de policiais que atuam como um “esquadrão anti crime” nesses territórios, fazendo uso de violência armada ostensiva na “guerra” contra o crime e o tráfico de drogas (no caso carioca) - que, como já amplamente debatido pela academia, especialmente no Brasil, é de fato uma guerra contra as populações periféricas e racializada nesses territórios. Os dois filmes, no entanto, apresentam uma importante diferença: quase 10 anos separam suas realizações e que, somadas às diferenças dos períodos históricos retratados, nos permitem fazer algumas reflexões sobre as discrepâncias histórico-políticas mas também de pontos de contato no que tange à constituição dos territórios representados.

Baile Funk no Morro da Babilônia, Rio de Janeiro, 1997. Final da Copa do Mundo no Arco do Triunfo, Paris, 2018. Ambos os filmes começam em uma reunião de corpos, em cenários ritmados pela celebração. De um lado tem-se um grupo que rebola em concomitância com uma inspeção policial. Do outro, a parte superior do corpo é requisitada, em sinais constantes com os braços que indicam: a França é a campeã mundial do futebol. *Tropa de Elite* orienta-se em um cenário fechado e denso, conformação típica e caricatural das favelas cariocas. *Les Misérables* localiza-se na periferia ao leste de Paris que faz parte de um projeto urbano outrora utópico e que atualmente é majoritariamente entendido como falido (as cités), o que faz com que o longa-metragem transite por grandes unidades habitacionais, entre ruas abertas e largas. Apesar das diferentes conformações urbanas e da adoção de táticas distintas de ataque em ambos os contextos, os dois cenários parecem convergir-se como espaços privilegiados de experimentação de práticas e lógicas de controle, vigilância e repressão, que frequentemente dão o tom de cenas de guerra.

Ainda que ambos os longas tenham nas forças policiais o núcleo central das tramas, é importante destacar as diferenças entre essas duas forças: enquanto o BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais) é um grupo da Polícia Militar do Estado do Rio de Janeiro treinado para ações de risco, especialmente contra o tráfico de drogas e organizações criminosas, a BAC (Brigade Anti-Criminalité) é uma força da polícia nacional francesa que se responsabiliza por pequenos e médios delitos nos bairros entendidos como vulneráveis (Zones Urbaines Sensibles). O

¹ Mestranda em Planejamento e Gestão do Território na Universidade Federal do ABC (PGT - UFABC). São Bernardo do Campo/SP - Brasil. É possível realizar a apresentação em francês ou português, de forma presencial ou virtual.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo no Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos - Universidade de São Paulo (IAU USP). Atualmente faz intercâmbio na École de l'Aménagement Durable des Territoires (ENTPE). Lyon/FR. É possível realizar a apresentação em francês ou português, de forma presencial ou virtual. primeiro compõe uma condição de exceção, o segundo, de cotidiano. Entretanto, ambas as forças são programadas para atuarem na gestão de territórios específicos, baseadas na repressão e na

racialização do aparelho do Estado (FASSIN, 2020), com alvos direcionados.

A partir dos elementos destacados dos filmes, elencamos três pontos principais de análise. O primeiro é a entrada de novas tecnologias nas periferias que operam no controle de populações e territórios. Em *Les Misérables*, a narrativa gira em torno de uma cena de violência policial gravada acidentalmente por um drone de um morador adolescente, dando início a uma caça dos policiais ao garoto para destruir as provas. Tecnologias de controle vêm sendo adotadas pelas polícias em todo mundo à imagem das ações realizadas na faixa de Gaza (GRAHAM, 2017; MBEMBE, 2018). O avanço de tecnologias de controle se coloca como uma sofisticação das estratégias de guerra civil (DARDOT et al, 2021) no período que separa os dois filmes, com a entrada de diversos dispositivos de vigilância e controle³. Dispositivos esses que passam a compor a vida cotidiana daqueles que vivem em territórios marginalizados - sejam países de capitalismo periférico, cidades e/ou bairros e comunidades, se acirrando em cada um desses saltos de escala - inclusive a partir de estratégias e dinâmicas de apropriação desses dispositivos pelas populações marginalizadas. Esse processo de apropriação é, vale ressaltar, o enredo central da trama de *Les Misérables*, no qual um jovem grava, por acidente, uma ação de violência policial com um drone, dando início a uma perseguição por parte dos policiais para eliminar as provas.

O que nos leva ao segundo ponto referente ao que Arantes (2023) chama de brasilianização do mundo. Em entrevista recente, retoma a ideia do Brasil como país do futuro, não pela perspectiva de um “avanço” às condições dos países de capitalismo central, mas de rebaixamento desses para a realidade periférica. Nesse sentido, a justaposição dos dois filmes nos permite encontrar características comuns para pensar a violência como política de Estado, em uma guerra contra um inimigo interno (DARDOT et al, 2021), cujas armas são “testadas” nos países de capitalismo periférico, mas que sangra para os territórios marginalizados dos países de capitalismo central. Dardot et al (2021) em *A escolha da guerra civil* desenham de forma bastante elaborada a transformação desse inimigo interno, especialmente na França e nos países europeus. No prefácio da edição brasileira do livro, o professor Edson Teles faz uma importante aproximação entre os contextos europeu e brasileiro, especialmente considerando o regime político como elemento de análise:

“Brasil, ame-o ou deixe-o” foi a frase-síntese da ditadura no “combate ao inimigo interno”. Esse inimigo era discursivamente definido como o militante político opositor ao regime militar. Entretanto, a prática repressiva objetivava da mesma forma toda a população negra e pobre, que, como grupo potencialmente subversivo, era a própria corporificação da revolta e da resistência em devir contra o status colonial da sociedade brasileira. Foi assim que se tornou possível, na transição para a democracia, ainda nos anos 1980, manter todo o aparato repressivo e militarizado das polícias e da política. O inimigo íntimo ainda permanecia entre nós: a população negra e periférica. (TELES, 2021 In DARDOT et al, 2021)

³ No Rio de Janeiro, o avanço dessas tecnologias se deu especialmente com a política de UPPs e a realização dos Jogos Olímpicos em 2016 e, no âmbito das investigações policiais, após o assassinato da vereadora Marielle Franco e seu motorista Anderson Gomes em 2018. Ao debater o legado da UPPs após 2016, SILVA & MENEZES (2019) defendem: “[...] que a UPP deixou, pelo menos, dois ‘legados’ [...]. O primeiro foi a intensificação do uso não só de dispositivos de guerra [...] como também de dispositivos - câmeras, celulares, drones, etc. - e técnicas de vigilância - que envolvem não só o uso desses dispositivos, mas também tentativas de monitorar os aparatos de monitoramento uns dos outros.” (pág. 543)

A composição dessa situação também pode ser verificada na etnografia feita por Didier Fassin nos anos 2000. O autor, ao comparar a formação e a origem dos policiais que integram a BAC e o perfil da população que “clama” por intervenções cotidianas⁴ nos bairros entendidos como “selvagens”, demonstra que

Les habitants de ces quartiers n'étaient pas seulement des étrangers, ils étaient aussi des ennemis. Le sentiment de la différence suscitait des expressions d'intolérance. La perception de l'hostilité conduisait à un imaginaire de la guerre. Depuis deux décennies, ces expressions d'intolérance et cet imaginaire de la guerre étaient entretenus voire incités par le pouvoir qui ne cessait d'invoquer à la fois l'identité nationale en danger et l'ordre républicain menacé. (FASSIN, 2015, p.76)

As reflexões trazidas pelos autores nos permite pensar as práticas de guerra das forças policiais em uma perspectiva ampliada, não como um processo novo, mas que se transforma com a entrada de novas tecnologias, transformações internas ao próprio Estado e às dinâmicas do capitalismo global, em um movimento que se adapta a diferentes regimes de poder e níveis de desenvolvimento da estrutura capitalista e da máquina pública, que muitas vezes se apoia nos processos de colonização e nos ideais seguridade da identidade nacional.

Por fim, o terceiro ponto lança luz sobre a recepção e absorção de ambas as obras por parte da população no geral. Polêmicos, os filmes são abertos a interpretações e foram aclamados por grupos que apoiam a gestão violenta de populações marginalizadas, com uso de dispositivos de guerra, tanto no Brasil como na França. Essa dimensão dialoga diretamente com a ascensão mundial de grupos de extrema direita, propagando discursos de morte e alimentando a construção da figura de um inimigo a ser exterminado. Nesse sentido, ainda que sejam produções artísticas de caráter crítico - como já foi amplamente afirmado pelos realizadores de ambos os filmes - produções como essas são apropriadas pelos discursos da extrema direita, que dominam o debate sobre segurança pública em todo o mundo. Tanto na França como no Brasil, observamos no período recente não apenas a ascensão de quadros da extrema direita, como por óbvio o ex-presidente Jair Bolsonaro no Brasil e Marine Le Peine na França, mas uma radicalização à direita de diversos políticos mais a centro.

É nesse contexto de radicalização das tecnologias de controle como dispositivo de guerra, amplamente mobilizado na segurança pública, que observamos processos como a instalação de uma central de controle na cidade do Rio de Janeiro, que concentra todas as câmeras de monitoramento da cidade. Como consequência, não são poucos os casos brasileiros de prisões por reconhecimento em vídeo de pessoas e inocentes - quase sempre jovens negros - reforçando o caráter racista das políticas e dispositivos de controle.⁵ No caso francês também vemos movimento parecido, seja em Paris, Lyon ou Nice. Para os Jogos Olímpicos de 2024, um projeto que busca intensificar os modos de segurança através da inteligência artificial aplicada à vigilância por vídeo já foi aprovado, uma vez que trata-se de “um evento excepcional que requer recursos excepcionais para manter seu caráter festivo”⁶. Nesse sentido, sustentadas pelo discurso neoliberal da eficácia e clareza nos modos de operar, bem como nos discursos de combate aos comportamentos suspeitos e à insegurança, as novas tecnologias se colocam no sentido de fortalecer a **ordem**, de modo a permitir às instituições policiais uma remodelação em forma mas não em princípios e objetivos, buscando garantir que as forças policiais detenham o monopólio da violência na guerra ao terror, ao crime, ao tráfico de drogas, ao inimigo interno a ser gerido e governado.

É importante ressaltar que, como amplamente reforçado por Mbembe (2018) em sua leitura decolonial da noção foucaultiana de biopolítica, esses processos remontam a práticas coloniais e não são novos, mas sistemas que se reconfiguram à luz das novas tecnologias, dinâmicas capitalista - globalismo, neoliberalismo - e transformações político-sociais. Sendo assim, precisam ser sempre lidos considerando que são simultaneamente permanência e transformação, nunca uma coisa ou outra.

⁴ No caso francês, tratam-se sobretudo de jovens e franceses de origem africana ou de imigrantes (FASSIN, 2015).

⁵ A respeito do tema, um outro filme que nos traz elementos de reflexão é o filme "Minority Report" (Spielberg, 2002), adaptação de obra homônima de uma dos grandes nomes da literatura de ficção científica, Philip K. Dick (também autor do clássico que deu origem à Blade Runner). O filme, que se passa nos anos futuros de 2050, narra a uma história na qual há um sistema que permite que crimes sejam previstos com precisão, o que faz a taxa de assassinatos cair para zero. O problema começa quando o detetive John Anderton, um dos principais agentes do combate ao crime, descobre que foi previsto um assassinato que ele mesmo irá cometer, colocando em dúvida sua reputação e a confiabilidade do sistema.

⁶ Nas palavras da Comissão de Leis do Senado. <https://www.senat.fr/rap/l22-248/l22-2480.html#toc4>

Referências bibliográficas

ARANTES, Paulo. **A fratura brasileira do mundo. Visões do laboratório brasileiro da mundialização**. São Paulo: 34, 2023.

DARDOT, Pierre [et al.] **A escolha da guerra civil. Uma outra história do neoliberalismo**. São Paulo: Elefante, 2021.

FASSIN, Didier. **La force de l'ordre. Une anthropologie de la police des quartiers**. Paris: Seuil, 2015.

GRAHAM, Stephen. **Cidades Sitiadas. O novo urbanismo militar**. São Paulo: Boitempo, 2016.

MACHADO DA SILVA, L. A.; MENEZES, P. (Des)continuidades na experiência de "vida sob cerco" e na "sociabilidade violenta". **Novos Estudos, Cebrap**, v. 38, n. 3, p. 529-551, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/nec/a/drpnMqtGffQ9wgpjKGRKgJM/abstract/?lang=pt>

MBEMBE, Achille. **Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. São Paulo: n-1 edições, 2020.

LES MISÉRABLES. Direção: Ladj Ly. Produção de SRAB Films. França: Le Pacte e Wild Bunch, 2019. Cinema.

TROPA DE ELITE. Direção: José Padilha. Produção de José Padilha e Marcos Prado. Brasil: Universal Studio, 2007. Plataforma de streaming.

Agir nas brechas e na contradição: a atuação do coletivos Grupo Contrafilé (SP) e Hypermatière (Saint-Étienne) na produção de (outros) possíveis urbanos

Tatiana Franchischini Dos Reis (Universit  de São Paulo), Rafael Murolo Pollastrini, Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima, Paula Vicente Martins

(manquant)